

# APRESENTAÇÃO

## Poesia Indisciplinada

O número 17 da *eLyra*, *Poesia Indisciplinada*, reúne, por ocasião dos 90 anos do poeta brasileiro Augusto de Campos (São Paulo, 1931), ensaios, poemas e resenhas que exploram a relação da poesia luso-brasileira e galega com outras disciplinas. Entre estudos que se debruçam, na teoria e na prática, sobre técnicas visuais, videográficas, sonoras e performáticas, propomos um leque diverso de leituras que começa por cobrir os anos 50 e 60 brasileiros e portugueses ao considerar os nomes do próprio Augusto de Campos, Haroldo de Campos, Ana Hatherly e Alexandre O’neill. Textos como os de Mariana Ribeiro Mattar, Francyne França, Raquel Campos, Danielo Bueno, Matthews Cirne e Julia Klien não só nos recordam da importância de regressar à reconhecida intermedialidade destes trabalhos, como dinamiza o nosso olhar sobre a sua obra literária ou, no caso particular de Klien, ensaística.

A par destes, *Poesia Indisciplinada* também inclui os estudos de Kenneth David Jackson, André Capilé e Sergio Maciel, Maria Silva Prado Lessa e Marcelo Cordeiro de Mello sobre autores incontornáveis na arte da disciplina atenta da poesia como, respetivamente, Murilo Mendes, Mário Faustino, Mário Cesariny e Lois Pereiro, aos quais não associamos, de imediato, a dimensão intermedial, embora se trate de poéticas das quais emergem rigor e desmesura.

O que começa nos anos 50 e 60 estende-se numa nova malha transatlântica, até às três décadas seguintes, com os ensaios de Ênio Bernardes de Andrade, André Masseno e André Goldfeder, que se conectam ao dedicar-se à análise de obras de Hélio Oiticica, Roberta Camila Salgado, Paulo Leminski, Ana Cristina Cesar e até mais recentemente com a produção de Veronica Stigger. O nome de Stigger precede o ensaio de Marina Baltazar Mattos e Gustavo Silveira Ribeiro que, a partir da imagem de Penélope, que borda continuamente, reflete sobre o manto de Arthur Bispo do Rosário, os *voiles* de José Leonilson e as flâmulas de Julia Panadés. Este gesto *feminino* dialoga, por sua vez, com as representações visuais e feministas do espaço da poeta brasileira Camila Assad em *Desterro* (2019), aqui analisadas por Isaac Giménez. Essa é a cartografia mínima e necessária para o fazer indisciplinado do poema que, por mais que tenha uma longa história, se apresenta aqui ao longo da segunda metade do século XX às primeiras décadas do século XXI. É verdade que de tal cartografia podem emergir outras poéticas, de modo que a rede indisciplinar

não se esgota nos nomes mencionados, mas se prolonga a partir de contatos com outras e outros poetas.

A primeira secção termina com o texto de Fernanda Vivacqua Boarin sobre a poética Marubo e escolhemos terminá-la deste modo porque, no contexto da agitação poética e crítica dos nossos tempos, as considerações de Boarin sobre os Marubo antecipam o futuro não só interdisciplinar, mas inclusivo da poesia em toda a sua vocação de canto, na sua dimensão ritual presente na antologia *Quando a Terra deixou de falar*, organizada pelo antropólogo e também escritor Pedro Cesarino.

*Poesia Indisciplinada* inclui um vídeopoema de André Vallias, “O poeta traça” (2021), no qual o livro de Herder, *Ideias para uma filosofia da história da humanidade*, é um suporte para a disciplina da traça não apenas para comer papel, mas para fazer caminhos nada erráticos, ao sabor das páginas. O poema de André Vallias é indisciplinado por excelência, pois rende ao poeta a ação de percorrer páginas, ampliar trechos e dispor o livro na dinâmica sonora em contraste com o ritmo impossível da leitura que demanda a apreensão do texto. Também fazem parte do dossiê três poemas híbridos da autoria de Guilherme Gontijo Flores em parceria com Daniel Kondo, Beatriz Azevedo e Diogo Marques. Enquanto “Últimas chamadas” (2021), de Gontijo Flores e Kondo, apropria a linguagem do *morse code*, “Agora”, vídeopoema de Beatriz Azevedo, apresenta, por sua vez, uma mix antropofágica da sua voz “com xamãs de Iphone tocando berimbau”. Já “TOTEMTABU”, poema codificado e participativo de Diogo Marques, parte do registo sonoro de “OBJECTOTEM”, tal como foi gravado por E. M. de Melo e Castro em “Signagens”.

Por fim, as resenhas de Gustavo Reis Louro e Ícaro Carvalho abordam os livros intermediais *O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial* de Patrícia Lino e *Política [um resumo]* de Ricardo Tiago Moura publicados, em Portugal e no Brasil, em 2020. O conjunto de ensaios, resenhas e poemas expõe um rigor paradoxal da poesia: é na sua indisciplinada que as mais diversas técnicas se entrelaçam, que os sentidos são agenciados. O caráter oximórfico do sintagma “poesia indisciplinada” apresenta uma arte sem limites para a invenção. Desejamos a todas e todos uma boa leitura!

Patrícia Lino  
Eduardo Jorge de Oliveira